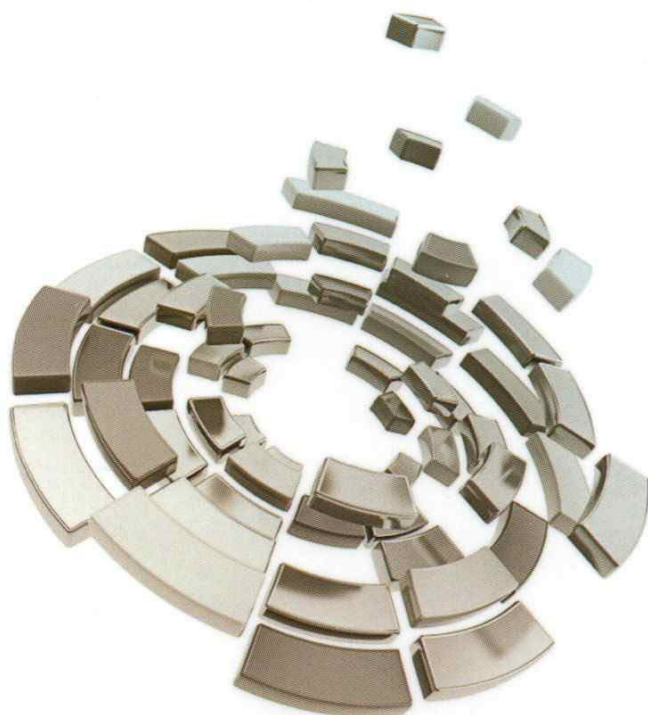


Père André Picard
Préface Gérard Donnadieu

Premiers pas avec Teilhard de Chardin



SAINT-LÉGER ÉDITIONS

[Ed. Saint-Léger, França, 2013]

O nome do Padre Teilhard de Chardin é cada vez mais conhecido. Mas o conteúdo do seu percurso e das suas descobertas permanece ainda muitas vezes um tesouro escondido. Contudo, o pensamento e a espiritualidade do Padre Teilhard, em concordância com as mutações dos tempos modernos, poderia esclarecer muitos dos nossos contemporâneos nas suas interrogações sobre o Homem e a sua relação com a ciência e a fé. Este livrinho apresenta-se como uma primeira iniciação à reflexão e às convicções do sábio jesuíta que foi o Padre Teilhard de Chardin. O autor é o Pe. André Picard, padre diocesano de Bayeux et Lisieux.

[Tradução da responsabilidade da
Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal]

Introdução

Muitos dos nossos contemporâneos conhecem o nome e a reputação do padre Teilhard de Chardin.

Mais raras são as pessoas que têm acesso ao seu percurso como cientista, investigador e crente, interpelado pelos mistérios da humanidade e do universo.

É verdade que a leitura dos escritos de Teilhard não é muito fácil e que ela supõe uma boa dose de atenção, de paciência e de tenacidade.

No entanto, o pensamento e as convicções de Teilhard abrem perspectivas que correspondem à expectativa de muitos homens e mulheres em procura, quer se trate de cientistas de alto nível, ou de pessoas de cultura e condição modestas, mas abertas à reflexão. É a esta última categoria que são destinadas as páginas desta brochura.

Parece-me com efeito, (salvo erro da minha parte) que não existem quaisquer obras breves e simples de iniciação à investigação científica e religiosa de Teilhard.

Contudo, as reflexões e as descobertas deste último são de natureza a apaziguar ou a estimular as questões que se colocam a um número grande de pessoas ou de grupos desejosos de melhor conhecer a origem e o sentido da vida humana no seio dum universo que muitas vezes os espanta.

É certo que a leitura de Teilhard não é necessariamente um tranquilizante, visto ela obrigar a pôr em questão alguns hábitos de pensar e de crer, mas, ao mesmo tempo, é libertadora e estimulante porque traça horizontes de luz e de esperança.

As páginas deste pequeno livro não têm a pretensão de apresentar integralmente a mensagem de Teilhard, o seu rigor e riqueza; para responder a este objectivo existe uma abundante literatura, emanada de sábios e religioso competentes. O propósito dos capítulos que se seguem é simplesmente de ajudar a descobrir a dinâmica humana e espiritual que animou o Padre Teilhard ao longo da vida e, se possível, criar o gosto duma frequência mais assídua e profunda da sua obra.

Após um retrato rápido de Teilhard, o leitor poderá captar a visão do homem que emerge dos seus escritos, para melhor compreender, talvez, como essa visão se articula com a fé sem se lhe opor.

Esta breve exposição será desenvolvida em três capítulos:

1. – Teilhard no seu tempo
2. – O fenómeno humano
3. – O diálogo entre a evolução e a fé.

Prefácio

Teilhard de Chardin, apóstolo da nova evangelização

Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), religioso jesuíta, pensador genial e homem de oração, foi um grande cientista, mundialmente reconhecido pelos seus trabalhos na paleontologia humana. Foi um dos primeiros a conceber a Evolução como um imenso processo cósmico de ascensão em complexidade, desenrolando-se desde o big-bang através da matéria, da vida, da humanidade pensante, até convergir no sentido de uma consciência universal em que ele reconhecia a figura do Cristo da sua fé cristã. Assim, dedicou a sua vida a estabelecer uma ponte entre a ciência e a religião, para benefício de ambas.

Ao longo dos seus numerosos ensaios e da sua correspondência, redigidos entre 1914 e 1955, Pierre Teilhard de Chardin desenvolve uma visão de uma ardente actualidade para a construção da terra de hoje. Grande precursor da prospectiva, antecipa a aparição das novas tecnologias, das redes planetárias de comunicação, da globalização, da integração económica da terra. Para ele, as evoluções são ricas de promessas, mas também de ameaças. Exigem, se não quisermos pôr em risco o futuro do homem, uma ética nova e um sentido agudo das responsabilidades.

A sua visão religiosa e teológica não é menos rica e original. Centrada no Cristo Universal de S. Paulo e de S. João, faz d' Ele o Mestre oculto da Evolução e da História, o Cristo cósmico «*que faz com que as coisas se façam*», o Cristo Ómega ou pleromizador, que atrai a si todos os seres pessoais, por amor. Em

suma, um «*Cristo sempre maior*», à dimensão prodigiosamente alargada do universo, tal como no-lo dá a conhecer a ciência moderna.

Ora, este pensamento tão original e poderoso, autenticamente cristão como mostrou magnificamente o Cardeal Henri de Lubac, esteve durante muito tempo incompreendido pela Igreja. Foi este o grande sofrimento de toda a vida do Padre Teilhard que, ultrapassando os vexames e humilhações recebidas da Igreja, manteve-se-lhe sempre duma fidelidade irrepreensível e heroica. Só muito depois da sua morte é que elementos do seu pensamento começam a ser tomados em conta pelos teólogos e pelo magistério. Primeiramente, no Concílio Vaticano II, em que muitos comentadores se aprazem em reconhecer a influência indirecta de Teilhard na redacção de alguns textos, como a Constituição *Gaudium et spes*. Seguidamente, com a mudança de ventos, alguns teólogos, e não dos menores, começam a citá-lo. Assim, Joseph Ratzinger, numa obra de 1968, escreve: *Em Jesus-Cristo, o processo de hominização atingiu verdadeiramente o seu termo... É grande mérito de Teilhard de Chardin o ter repensado estas relações – Cristo, humanidade – a partir da imagem actual do mundo, de as haver compreendido com justeza na sua totalidade... de as ter tornado de novo acessíveis*».

O ponto culminante deste reconhecimento, finalmente oficial, por parte da Igreja, do seu ilustre filho tanto tempo ignorado (reconhecimento e não reabilitação, pois Teilhard nunca havia sido condenado!), foi o grande Colóquio internacional que teve lugar em Roma de 21 a 24 de outubro de 2004, na Universidade pontifical gregoriana, sob a presidência do Cardeal Paul Poupard, representante de João-Paulo II. Perante duzentos participantes, vindos do mundo inteiro a fim de inventariar a herança científica, teológica e filosófica legada pelo Padre Teilhard, o Cardeal Poupard declarou: «*Na sua maneira incomparável, Teilhard ensina-nos, como referiu João-Paulo II em Fides et ratio, que a fé e a razão são como duas asas que permitem ao espírito humano elevar-se para a contemplação da verdade*».

Finalmente, como dos mais recentes desenvolvimentos e dos mais significativos, temos as inúmeras referências feitas ao pensamento de Teilhard de Chardin por Bento XVI ao longo do seu pontificado: em Roma, na vigília pascal de 2006, na catedral de Aosta, em julho de 2009, no seu livro *Luz do mundo* (pág. 220), em dezembro de 2010. E, por fim, o novo colóquio que se realizou também em Roma, de 9-11 de novembro de 2012, mais uma vez na Universidade pontifical gregoriana e sob a presidência do Cardeal Poupard. Enquanto o colóquio de 2004 tinha sido o do reconhecimento do pensador cristão, o de 2012 vai fazer de Teilhard, ou melhor, do seu pensamento, uma ponta de lança para a nova evangelização, e que teve, como apoteose final, a bênção apostólica dada pelo Santo Padre, no dia 11 de novembro, a todos os participantes.

Este pequeno livro de iniciação ao pensamento do padre Teilhard de Chardin, saído da pena bem informada do padre André Picard, surge, pois, no bom momento. Será precioso para dar a conhecer, a muitos cristãos e homens e mulheres em busca dum sentido a dar às suas vidas, a existência duma obra há muito desconhecida pela Igreja e, por fim, reconhecida por ela como profética para promover a nova evangelização. Ele incitará, certamente, também os leitores mais curiosos, e disso só nos podemos regozijar, a aprofundar este pensamento tão profundo e original na sua tentativa de reconciliação entre a fé cristã e a ciência de hoje. Para tal, basta-lhes irem à fontes, ou seja, aos escritos do próprio Teilhard (13 volumes de ensaios mais correspondência), sem contar com o número considerável de obras que sobre ele se publicaram, de há 50 anos para cá¹, em todas as línguas. Esses leitores tornar-se-ão então autênticos teilhardianos, prontos a retomar o testemunho para actualizar esse pensamento à luz dos novos adquiridos da ciência e da teologia, fieis nisso ao próprio Teilhard que declarava no final da sua vida: «*Só serei compreendido quando tiver sido ultrapassado*».

Eis porque desejo boa sorte a este livrinho, esperando que ele seja para muitos a porta de entrada na obra deste grande pensador, profeta do III milénio.

Gérard Donnadieu
Presidente da Associação dos Amigos de Teilhard de Chardin (Paris)
Professor de teologia fundamental no Collège des Bernardins (Paris)

¹ NT: tendo esta obra sido publicada em 2013, podemos considerar hoje “de há 60 anos para cá”, visto que nestes últimos dez anos não cessaram de aparecer obras sobre Teilhard de Chardin em todo o mundo.

1 Teilhard e o seu tempo

O objectivo deste capítulo é tanto o de recordar algumas etapas da vida de Teilhard, como o de esquiçar alguns traços da sua personalidade e de assinalar alguns aspectos da sua envolvente sociocultural e eclesial.

Elementos biográficos

Pierre Teilhard de Chardin nasceu a 1 de maio de 1881 em Sarcenat, não longe de Clermont-Ferrand, nas montanhas de Auvergne.

Cresceu numa família cristã de onze filhos, cuja mãe, extremamente piedosa, era sobrinha-bisneta de Voltaire.

Com a idade de 11 anos entra no colégio jesuíta de Mongré Villefranche-sur-Saône. É ali que desponta a sua vocação sacerdotal e religiosa.

Com 18 anos, entra na Companhia de Jesus. A sua longa formação condu-lo, sucessivamente, a Jersey, ao Cairo, a Hastings (Inglaterra), onde é ordenado padre em 1911.

Faz então estudos de geologia.

Quando rebenta a guerra de 1914, é mobilizado como enfermeiro-maqueiro. A sua experiência nas trincheiras estimula-lhe a dedicação e a reflexão, meditações que ele partilha na sua correspondência e escritos diversos.

Após a guerra, é doutorado em ciências e ensina geologia no *Institut Catholique de Paris*.

Durante dois anos, participa numa expedição científica na China.

É por essa altura que ele entra em dificuldades com a Igreja. Com efeito, um texto confidencial de 1922, no qual Teilhard exprimia a sua visão (audaciosa para aquela época) sobre o pecado original, apareceu, desastrosamente (?), nas mãos das autoridades romanas que reagiram, obrigando o sábio jesuíta a renunciar ao ensino. Este submeteu-se, não sem sofrimento, e foi praticamente exilado para Pequim até ao fim da segunda guerra mundial.

Durante esta longa estadia, participa em numerosas investigações geológicas e antropológicas a título de perito qualificado. É igualmente durante este período que ele escreve as suas duas obras maiores – *O Meio Divino* e, depois, *O Fenómeno Humano* (que só foram publicadas depois da sua morte).

Após o seu regresso a França, tenta explicar aos seus superiores eclesiásticos o significado e a importância das suas reflexões. Mas, de novo, fica incompreendido e é-lhe pedido que renuncie ao convite que lhe havia sido feito para ensinar no *Collège de France*.

Mais uma vez, afasta-se de França e encontra asilo em Nova Iorque, onde morrerá num domingo de Páscoa (10 de abril de 1955), algum tempo depois de ter estado em África participando em novas missões científicas. Assim se realizou o seu desejo ardente de deixar esta terra no dia da Ressurreição do Senhor.

Perfil moral

Esta olhadela rápida que passámos sobre a vida de Teilhard permite-nos discernir alguns traços da sua face moral. É uma face de múltiplas facetas; Teilhard foi, simultaneamente:

Um homem do terreno. Foi-o a duplo título. Primeiramente, ele amava a terra; quis conhecê-la; auscultou-a e interrogou-a com os utensílios das mãos e da inteligência. Ao mesmo tempo, era um homem de contacto e de acção, de modo algum sonhador nem burocrata, o que não o impediu de ser um sábio de alto nível.

Um sábio. Ele era geólogo e paleontólogo. A sua competência era reconhecida, como o atestam as numerosas missões e responsabilidades oficiais que lhe foram confiadas, tanto na Europa, como em África e na Ásia. Procurou e descobriu os traços do homem, pois era o homem que lhe interessava, no seu devir e advir. O passado só o interessa na medida em que, através dele, o futuro se perfila. Teilhard é um antropólogo apaixonado pelo homem.

Um filósofo. Ele estudou e sublinhou particularmente o «passo da reflexão», i.e., a capacidade (que caracteriza o homem) de se conhecer e não apenas de conhecer. Pôs, igualmente, em relevo a incompletude do homem e a sua abertura a uma transcendência.

Um teólogo. Mesmo não sendo Teilhard um teólogo «de profissão», o seu percurso intelectual revela muitas das intuições, das hipóteses, das convicções que dizem respeito a expressão da fé. Globalmente, pode dizer-se que Teilhard aspira à passagem de uma «teologia verbal» a uma «teologia do Verbo Incarnado», com um regresso às fontes que são a Escritura e a Tradição primitivas. Distancia-se de argumentações abstratas e sente-se mais confortável com os escritos de Paulo e João. Bate-se por uma cristologia e uma eclesiologia que não se obstruam com abstrações e minudências extenuantes, mas vão direitas à pessoa viva do Cristo incarnado e ao seu prolongamento numa Igreja que escute e sirva.

Um poeta e um místico. Teilhard é um contemplativo cujo olhar capta para além das aparências. Ele sabe descobrir a presença e a acção dum pensamento e duma acção no âmago da matéria mais humilde. Sabe ler no universo os sinais duma orientação em direcção ao que ele chama ponto «ómega», que se identifica com Cristo na plenitude da sua humanidade divinizada.

A bela meditação intitulada *A Missa sobre o mundo* (a que ainda voltaremos) é uma ilustração do sentido místico de Teilhard.

Envolvente sociocultural e eclesial

O padre Teilhard de Chardin passou toda a primeira parte da sua vida numa época em que, pelo menos em França, a sociedade civil tomou progressivamente as suas distâncias em relação à Igreja.

Basta-nos assinalar algumas marcas nesta marcha em direcção à secularização (sem pretender fazer uma lista exaustiva).

Esta transformação inscreve-se nas perspectivas abertas pelo século das luzes (século XVIII), em que se exprimem as reivindicações da razão face aos dogmas definidos pelos religiosos.

A confiança na ciência substitui-se ao que se chama eventualmente o obscurantismo dos crentes.

Sob a pressão dos *livres penseurs* na linha de Voltaire, uma *fé laica* vai substituir a *fé religiosa* e originar um mundo que pretende construir-se sem referência obrigatória a princípios religiosos.

Com Jules Ferry², desde logo, a laicização da escola pôs fim à tutela clerical, que tomará sobretudo a forma duma expulsão massiva das congregações religiosas de magistério (entre as quais a dos jesuítas a que Teilhard pertencia).

Esta laicização atingirá igualmente a magistratura, a família, o exército, a imprensa, em suma, o conjunto da vida social. Mas a secularização alcançará um dos seus cumes quando, a 9 de dezembro de 1905, será declarada a separação da Igreja e do Estado, instaurando entre as duas sociedades um divórcio mais ou menos agressivo, consoantes as diversas épocas.

Neste contexto de secularização, que marca o fim do século XIX, princípios do século XX, a Igreja fica desconfortável: sente-se desapossada duma autoridade que lhe permitia orientar as consciências e as instituições num sentido favorável, segundo ela, ao projeto de Deus. Apesar de alguns esforços de conciliação (no tempo do papa Leão XIII, p. ex.), ela tem tendência a refugiar-se em posições defensivas que acentuarão o corte entre ela e o mundo.

A Igreja negativiza tudo o que aparece como uma abertura à transformação das culturas e às questões novas colocadas pelo desenvolvimento dos conhecimentos históricos e científicos.

Nestas circunstâncias, pode-se evocar:

- a chamada à ordem, em 1910, de Marc Sangnier e do movimento «le sillon»³ que se esforçava por fazer dialogar democracia e religião;
- a condenação do padre Alfred Loisy⁴, que procurava e propunha uma leitura crítica do Evangelho;

² (NT) - **Jules Ferry** (Saint-Dié-des-Vosges, 5 de Abril de 1832 — Paris, 17 de Março de 1893), advogado, jornalista, diplomata e político francês, republicano, maçom, positivista e anticlerical, foi o ministro da educação (*Ministre de l'Instruction Publique*) que tornou a escola francesa laica (ou seja, religiosamente neutra) e (politicamente) republicana. Dissolveu os jesuítas, criou os primeiros liceus e colégios para meninas. Tornou o ensino primário gratuito na França (lei de 16 de Junho de 1881) e obrigatório (lei de 28 de Março de 1882). Ferry foi um adepto das ideias positivistas de Auguste Comte, que o inspirou nas suas reformas do sistema educativo francês. (Wikipédia)

³ (NT) - **Le Sillon** foi um movimento político - religioso francês fundado em 1894 pelo jornalista Marc Sangnier^[1] com o objetivo de aproximar o catolicismo dos ideais socialistas e republicanos franceses a fim de criar uma alternativa ao marxismo e outros movimentos operários anticlericais e construir uma nova humanidade. (Wikipédia)

- as reticências paralisantes opostas aos trabalhos do exegeta dominicano padre Lagrange, que pretendia tomar em conta os dados da ciência da época na leitura da Bíblia;
- o decreto do Santo Ofício «Lamentabili» (1907) e a encíclica «Pascendi»⁵, que continha uma lista condenatória dos erros que se opunham à santa doutrina da Igreja;

O clima de desconfiança entre a Igreja e a sociedade, entre a fé tradicional e o humanismo moderno, marcou os anos de formação de Teilhard e estimulou a sua reflexão para toda a vida. Durante toda a sua existência, através dos seus escritos, esforçou-se por mostrar que a fé nada tem a perder numa confrontação e num diálogo com as convicções que emanam dos novos conhecimentos históricos e científicos. Ele próprio será vítima da tibieza e da suspeição da Igreja, mas a sua mensagem atravessou a prova duma rude incompreensão e mantém-se como uma luz para o nosso tempo.

Um texto de Teilhard de Chardin

Fé em Deus e Fé no Homem

Por si só, a fé no mundo não chega para fazer a terra avançar em frente. Mas, por si só, por outro lado, será bem verdade que a Fé cristã, na sua explicitação arcaica, é suficiente ainda para elevar o mundo para o alto.

Por definição, por princípio, a função distintiva da Igreja é de saber e de poder cristianizar todo o humano que há no homem. Ora, que pode acontecer (se é que não está já a acontecer...) se a autoridade eclesial ignora, desdenha ou mesmo condena, sem chegar a compreendê-las, as novas aspirações? Nem mais, nem menos, que isto mesmo, que o cristianismo, na medida em que cessa de cobrir – como ele o deveria fazer – todo o humano sobre a terra, perde a sua vitalidade penetrante e a flor da sua atracção. Porque momentaneamente sub-humanizado, ele deixou de satisfazer os seus próprios fiéis...

O Para-o-Alto e o Em-frente: duas forças religiosas, repito-o, doravante confrontadas no coração de todo o homem; duas forças, como acabamos de ver, que se debilitam e definem se as separamos; duas forças, por consequência (é o que irei mostrar) que só esperam uma coisa: que entre ambas nós não façamos uma escolha, mas que encontremos o meio de as combinar, uma como a outra.

O que no conflito religioso actual origina o drama da situação é, na opinião generalizada, o aparente inconciliável dos dois tipos de fé em presença: aqui, uma fé cristã inflamando a partir do íntimo, e, ali, uma fé «natural», fundada sobre o primado do ultra-humano e da terra. Mas será assim tão certo que estas duas forças se excluam tão positivamente uma à outra (ou seja, uma tão antiprogressista e a outra tão ateia) como dizem?

Basta um pouco de reflexão, e, também, de psicologia, para nos apercebermos que não»

Traduzido a partir das pág.344-346 de L'Avenir de l'Homme (Tomo V, Obras Completas, ed. Seuil)

⁴ (NT) - **Alfred Firmin Loisy** (28.02.1857 – 01.06.1940) foi um padre católico, professor e teólogo francês. É geralmente creditado como um fundador do modernismo teológico na Igreja Católica. Era crítico das visões tradicionais da criação bíblica e argumentava que o criticismo da Bíblia poderia ser utilizado para interpretar as Sagradas Escrituras. As suas posições colocavam-no em conflito com os membros conservadores da igreja, incluindo os Papas Leão XIII e Pio X. Em 1893, foi demitido como professor do Instituto Católico de Paris. Os seus livros foram condenados pelo Vaticano e, em 7 de março de 1908, foi excomungado. Após a excomunhão, tornou-se um intelectual secular. Foi nomeado Presidente de História das Religiões no Collège de France, em 1909, e serviu ali até se aposentar em 1931. Nesse cargo, continuou a desenvolver a sua filosofia, descrevendo a religião cristã como um sistema de ética humanista ao invés de divino. Também desenvolveu estudos sobre as primeiras religiões e sua influência no Cristianismo. Nunca se retratou e morreu excomungado em 1940 em Ceffonds. (Wikipédia)

⁵ (NT) - **Pascendi Dominici Gregis** é uma encíclica do Papa Pio X, publicada em 8 de setembro de 1907. Tem por subtítulo: "Carta Encíclica do Papa Pio X sobre os erros do modernismo". O documento condena o modernismo católico, considerado como uma "síntese de todas as heresias", conjugando evolucionismo, relativismo, criptomarxismo, cientificismo e psicologismo. Como consequência da encíclica, o papa formulou o "juramento antimodernista", obrigatório para todos os padres, bispos e catequistas. Esse juramento foi abolido em 1967, pelo Papa Paulo VI. (Wikipédia)

2 O Fenómeno Humano

Sem esquecer que Teilhard de Chardin é um crente (e mesmo padre e religioso), é interessante seguir os caminhos que ele encetou, partindo das suas observações científicas.

As investigações do sábio Teilhard de Chardin são, desde logo, as de um geólogo que percorreu no terreno as diferentes etapas da história do universo. Baseado nessas observações, chegou a um certo número de convicções que partilhou em diversas obras, mas, em particular, em *O Fenómeno Humano*, definitivamente escrito entre 1938 e 1940.

Estas investigações, que cobrem um período de 14 mil milhões de anos, foram feitas graças a métodos científicos comprovados, o que lhe confere uma razoável credibilidade.

Duma forma muito rápida, em três parágrafos, tentemos pôr em relevo os principais aspectos da visão do mundo segundo Teilhard.

O fenómeno evolução

A convicção fundamental de Teilhard, que é a chave necessária para compreender a sua visão do mundo, é a de que o universo é fruto de uma evolução constante. Durante muito tempo, acreditou-se que o universo era um conjunto fixo e estático, que continha, desde as suas origens, as formas de vida que lhe conhecemos hoje. A grande convicção de Teilhard, enraizada no seu trabalho de geólogo, é de que o mundo se construiu por etapas sucessivas e progressivas. «Esta descoberta fundamental de que todos os corpos derivam, por arranjo, dum só tipo inicial corpuscular é o clarão que ilumina, a nossos olhos, a história do Universo» (*O Fenómeno Humano*, p.43 – ed. Seuil).

Este dilatar do universo através dos tempos produziu-se com uma lentidão imensa e pelo franquear de limiares que os estudos geológicos permitem detectar.

Antes de mais, convém notar o fenómeno da Cosmogénese, ou seja, a aparição de massas distintas a que chamamos astros, estrelas ou planetas, cuja origem a partir duma energia inicial permanece misteriosa.

Em seguida, e ao fim de alguns milhares de milhões de anos, uma nova realidade se manifestou: a da vida, que germina da matéria, aparentemente inerte. É o período da Biogénese (emergência da vida), cuja explicação não releva directamente da ciência, mas que parece difícil atribuir pura e simplesmente ao acaso.

Esta vida manifesta-se sob aspectos extremamente variados, desde a célula solitária até ao animal gigantesco, passando por plantas e árvores de toda a espécie. Ela caracteriza-se pela capacidade de se reproduzir e de se espalhar com uma incrível força de expansão.

Ao final dum caminhar extremamente longo, a energia vital vence um novo limiar e dá progressivamente nascença a uma espantosa forma de vida: a do homem. Para assinalar este acontecimento, é necessário recuar cerca de dois milhões de anos antes da nossa era. É o que se chama a antropogénese (a emergência do homem). Mas, com o tempo, esta personagem, recentemente aparecida, vai evoluir para uma nova condição: este será o tempo da Noogénese (a emergência do pensamento) que vai permitir o nascimento de um tecido social de trocas e comunicações. Estamos a cerca de 200.000 anos antes de Jesus Cristo, quando aparece o homem do saber (*Homo Sapiens*), capaz de reflectir, de inventar, de se orientar sem se deixar guiar unicamente pelas suas reacções instintivas. «O Homem que vislumbramos na terra do final do quaternário é verdadeiramente o homem moderno... Com o *Homo Sapiens*, é um pensamento definitivamente liberto que explode, ao calor ainda das paredes da caverna. Com eles, os recém-chegados trazem a arte, uma arte naturalista ainda, mas prodigiosamente consumada». (*O Fenómeno Humano*, pág. 222 ss, ed. Seuil)

Através deste longo processo evolutivo, é fácil ver que o mundo está em transformação desde as origens, que está constantemente em processo de construção e que, provavelmente, está longe ainda de se completar.

O homem de hoje deve antever e preparar-se para transpor novas etapas que o conduzirão a horizontes difíceis de descortinar, mas a que Teilhard chama naturalmente «o ultra-humano». Tanto no plano individual como no das suas relações com o planeta, o homem moderno é um Ser em evolução. Ele erraria, sem dúvida, se quisesse fixar-se e imobilizar-se numa situação definitiva: a vida impulsiona-o para a frente.

A este cumprimento de si próprio, para o qual tende o homem de todas as épocas, poderemos chamar, com Teilhard de Chardin, o «ponto ómega». Este «ponto ómega» é o termo que consuma a lenta ascensão do homem na direcção do seu perfeito desabrochar pessoal e social, ainda que seja capaz de travar essa ascensão ou de a comprometer, por recusas sempre possíveis.

Os grandes princípios da evolução

As observações científicas de Teilhard de Chardin sobre a evolução permitem-nos distinguir algumas constantes que podem ser reconhecidas como expressão das leis fundamentais, sempre activas. Abordamos apenas três.

A passagem do múltiplo à unidade

Desde as origens, o mundo constrói-se e progride graças à união que se realiza dos elementos separados e dispersos. De átomos em moléculas, de moléculas em células, de células em tecidos organizados, a evolução progride pela união das diferenças e é deste modo que se dá a passagem do mineral ao vegetal e depois ao animal (compreendendo o homem).

O encontro e conjugação de elementos diferentes fazem surgir, a prazo mais ou menos longo, uma realidade nova.

A união do hidrogénio e do oxigénio, por exemplo, dá origem a um novo composto a que chamamos água.

Tudo o que se opõe à realização destas «uniões criativas» marca um regresso à dispersão e à aniquilação. É a união destas diferenças que permite transformação e progresso do universo.

A lei da complexidade-consciência

A passagem do múltiplo à unidade resulta, de cada vez, em novos seres cuja estrutura e energia são cada vez mais complexas e cada vez mais subtis e autónomas.

A complexidade-consciência é um processo de desenvolvimento de partículas iniciais que se reúnem para formar novos organismos cada vez mais complexos, mas também cada vez mais conscientes da sua própria evolução.

Este processo culmina no homem e no cérebro humano, que contém dezenas de milhares de neurónios, espantosamente articulados entre si e que é capaz de observar e mesmo de orientar o seu próprio funcionamento: chegamos ao nível da reflexão e do pensamento.

Este processo não diz apenas respeito ao homem na sua individualidade, atinge também a sociedade propriamente dita. Pouco a pouco, a sociedade humana, complexificando-se nas suas estruturas, descobre os utensílios que lhe permitem adquirir uma consciência comum face às questões com que se defronta.

Pode, pois, dizer-se que a evolução nos encaminha normalmente para uma forma de vida consciente e responsável que liberta o homem, em particular, da submissão aos automatismos cegos.

A fecundidade da dupla matéria-espírito

Matéria e espírito não são duas realidades oponíveis e sem outra relação que não seja a da justaposição.

Matéria e espírito são a sede duma energia primordial que cria entre uma e outra um laço de interdependência e de fecundidade mútuas.

Só pode existir evolução porque no âmago da matéria («a santa matéria», dirá Teilhard) se encontra já uma forma elementar, um élan dinâmico «inteligente» que aponta numa direcção – «a matéria original é qualquer coisa mais do que um ferverilhar particular tão maravilhosamente analisado pela física moderna». (*O Fenómeno Humano*, pág. 53, ed. Seuil)

É esta energia espiritual que constitui o «de dentro»⁶ da matéria e que, sem separar dela, evolui progressivamente até ao pensamento e à consciência, características do homem.

⁶ NT – A expressão utilizada no original é «dedans», de difícil tradução. Teilhard utiliza esta expressão normalmente por oposição a «de hors», igualmente de tradução problemática. Na primeira edição portuguesa de *O Fenómeno Humano* (Livreria Tavares Martins, Porto, 1970), estes termos foram traduzidos respectivamente por «Dentro» e «Fora».

A matéria é a «matriz do espírito» (como diz Teilhard), mas, ao mesmo tempo, o espírito fornece à matéria o sentido e a dinâmica da sua evolução. Matéria e espírito vão juntas: dissociá-las ou, ainda mais, opô-las, é introduzir na evolução um germe de disfuncionamento e de desequilíbrio.

Ao acabar este segundo capítulo, e aproximando-nos das conclusões de Teilhard, constatamos que a vida, o homem, o pensamento, apareceram a diversas etapas duma evolução que não terminou.

O mundo não está terminado: ele continua a construir-se e a orientar-se em direcção a um futuro cujos traços nem a própria ciência consegue desenhar com precisão. Mas a humanidade está em rota e, para se consumir, ela tem de permanecer aberta a novas mutações que supõem, hoje como ontem, passagens, roturas, fracassos, renúncias, sofrimentos. E, no entanto, é uma fonte de esperança; a corrente vital que anima a evolução é suficientemente forte para conseguir vencer as provações e as catástrofes. Tal como um curso de água impetuoso que salta as barragens, assim o élan vital é capaz de ultrapassar os obstáculos de que a própria humanidade é, por vezes, responsável.

Um texto de Teilhard de Chardin

A união, fonte de crescimento

De que processo profundo entrevemos nós a existência?

Olhemos de perto utilizando os dados recentemente obtidos pelo engenho associado duma legião de investigadores. Há provavelmente – começamos a entrevê-lo – dezenas de milhões de átomos agrupados numa só molécula de vírus. Haverá, certamente, dezenas de milhares de moléculas harmonizadas numa única célula. Há milhões de células num só cérebro. Há milhões de cérebros num só formigueiro.

Que significa este atomismo senão que o estofo cósmico, dominado pelas forças de desagregação que, num sentido descendente, o vão lentamente dissolvendo até aos átomos, nos aparece agora como submetido, pelo seu outro extremo, a uma extraordinária força de agregação – força cujo resultado é o de fazer aparecer, sobre uma matéria cada vez mais poderosamente sintetizada, sempre mais energia espiritualizada? Nisto, note-se bem, nenhuma metafísica.

Não pretendo definir o que é o Espírito nem o que é a Matéria. Apenas digo, sem deixar o terreno da física, que a maior das descobertas feitas pelo nosso século é provavelmente ter reconhecido que a moral do tempo se deve medir por uma agregação gradual da Matéria em conjuntos sobrepostos, cujo arranjo cada vez mais rico e melhor centrado se aureola duma franja sempre mais luminosa de liberdade e de interioridade...

Onde vem o homem colocar-se na linha deste progresso?

Aqui, a resposta é evidente. Se verdadeiramente, como eu sustento, o movimento cósmico no sentido de uma maior consciência não é uma ilusão de óptica, mas exprime a própria essência da evolução biológica, então, na curva traçada pela vida, o homem ocupa indiscutivelmente o cume; e é ele mesmo quem, pela sua aparição e a sua existência, acaba por provar a realidade e de definir o rasto da trajectória: «o ponto nos ii».

Traduzido a partir das págs.90-91 de

L'Avenir de l'Homme

(Tomo V, Obras Completas, ed. Seuil)

3 O diálogo entre a Evolução e a Fé

O padre Teilhard de Chardin foi um sábio reconhecido e reputado: as missões que lhe foram confiadas e as obras que produziu dão disso testemunho. Mas ele era também, ao mesmo tempo, um homem de fé, cuja fidelidade repetidamente posta à prova foi exemplar.

Na sua pessoa, a ciência e a fé encontraram-se e confrontaram-se, numa época em que a Igreja não admitia quaisquer tentativas de diálogo entre estas duas realidades. Teilhard (como vimos) não escapou à suspeição da cúria romana. Pagando o preço da incompreensão, do sofrimento e da renúncia, manteve o seu esforço de diálogo e de síntese que ele viveu não somente como um exercício de inteligência mas, sobretudo, como uma experiência espiritual de grande alcance. Procurou pontos de convergência, lugares de interpelação mútua entre as descobertas da ciência e as afirmações fundamentais da fé. Pois ele estava convencido que *como acontece aos meridianos na proximidade do polo, ciência, filosofia e religião convergem necessariamente na proximidade do todo. Convergem, digo bem, mas sem se confundirem e sem cessarem até ao final de abordarem o real sob ângulos e em planos diferentes* (*O Fenómeno Humano*, pág. 18, ed. Seuil).

Numa outra obra, Teilhard escreve: *Fé em Deus, Fé no Mundo: essas duas energias, fontes uma e outra dum élan espiritual, devem poder cumprir-se eficazmente numa resultante de natureza ascensional* (*L'Avenir de l'Homme*, tomo V, *Obras Completas*, ed. Seuil, pág. 103).

Em três breves parágrafos, tentemos sublinhar alguns aspectos importantes do diálogo interactivo entre fé e evolução, na experiência do nosso jesuíta.

Os caminhos cruzados da evolução e da fé⁷

As descobertas modernas em geologia e na arqueologia mostram-nos que a história humana se desenrola seguindo um eixo orientado no sentido dum ultra-humano, ainda impreciso. A humanização do homem está longe de ser acabada e a sua marcha em frente continua a espantar-nos (se não a apaziguar-nos).

Ora, diz-nos Teilhard: «para os espiritualistas (seja do Oriente ou do Ocidente), um ponto não oferecia dúvida: se havia para o homem um caminho possível no sentido de mais vida, essa via só poderia ser conhecida sob a forma duma subida “na vertical”, fora das zonas materiais do mundo. Assim, subitamente, uma linha de elevação se descobre, totalmente diferente. A super-vida, a unificação, a saída, tão sonhadas, tão procuradas até aqui no sentido do Para-o-Alto, na direcção de algum transcendente, não seria antes um Em-Frente, quer dizer, em prolongamento das forças imanes de evolução, a que se encontra e a que está para vir?» (*L'Avenir de l'Homme*, tomo V, *Obras Completas*, ed. Seuil, pág. 342).

Será, então, necessário escolher entre o Para-o-Alto e o Em-Frente⁸? Será preciso abandonar um em proveito do outro? Haverá contradição entre a visão cristã do mundo e as perspectivas abertas à evolução?

A única forma de resolver o dilema aparente é afirmar e pôr em prática a convicção de que o homem não se eleva para o Alto se não marchar resolutamente em Frente. É através do seu esforço de humanização que o homem se encaminha para o seu destino eterno.

«O Para-o-Alto cristão incorpora-se (sem se imergir nele! mas sobrenaturalizando-o) no Em-Frente humano» (Teilhard). A fé não se desenvolve, pois, exteriormente a um mundo que se vai fazendo: pelo contrário, ela penetra as realidades terrestres, iluminando-as e alimentando-se delas.

A experiência pessoal de Teilhard e os seus ensinamentos colocam-nos no caminho dum diálogo permanente entre a luz que nos vem da fé e os compromissos que vamos assumindo com vista à organização do mundo. Podemos tentar explicitar um pouco esta relação entre fé e dados da evolução (pelo menos sobre alguns pontos) na óptica de Teilhard de Chardin.

A investigação científica interpelou e purificou a fé:

- a dinâmica da evolução, reconhecida e aceite, fê-lo ler a Bíblia de outro modo, particularmente os primeiros capítulos do Génesis;

⁷ Se o leitor tiver interesse, poderá recorrer ao tomo V das obras de Teilhard (Ed. du Seuil) – *L'Avenir de l'Homme: le cœur du problème*, p.337 ss

⁸ NT – tradução das expressões «En-Haut» e «En-Avant», no original francês.

- a hipótese (e mesmo a certeza) dum aparecimento progressivo do homem, sem dúvida em locais diversos, modificou a sua concepção de pecado original;
- o muito forte laço entre matéria e espírito colocou-o na senda de uma espiritualidade eminentemente de encarnação;
- a descoberta das solidariedades humanas no tempo e no espaço acentuou a dimensão social da sua fé;
- duma maneira geral, a tomada em conta da evolução e das suas consequências antropológicas introduziu uma margem de espírito crítico na formulação das verdades da fé.

Por outro lado, os dados da fé aclararam e transfiguraram as descobertas científicas de Teilhard:

- a fé tornou-se uma espécie de chave de leitura para a investigação científica; a evolução progressiva do mundo e a ascensão do homem em direcção ao ultra-humano inscrevem-se no projeto de Deus, tal como, por exemplo, nos revela S. Paulo: «Deus fez-nos conhecer o mistério da sua vontade: reunir o universo inteiro, tudo o que está nos céus e tudo o que está na terra, sob um único chefe, Cristo» (Efésios 1/10);

- a Bíblia, no seu conjunto, revela ao homem, que procura compreender, o sentido e o termo da criação e da evolução.

No global, o crente descobre na luz da sua fé o desenrolar do projeto divino, com admiração, humildade e acção de graças.

Cristo no princípio e no termo da evolução

Como dissemos no segundo capítulo, o universo e o homem, no seio daquele, progridem, no decurso de longas etapas, no sentido da consumação das suas orientações em direcção à vida. O homem, em particular, está numa espera activa duma plenitude e dum florescimento que ultrapassam as possibilidades das suas forças naturais.

É precisamente aqui que se situa, na síntese teilhardiana, o papel de Cristo incarnado, de quem podemos dizer que está, simultaneamente, no início e no termo da evolução. Quando dizemos que Cristo incarnou, afirmamos que ele assume as realidades terrestres e carnis ao mesmo tempo que os valores espirituais em que o homem é moldado: a este título, ele é «o Cristo cósmico». Toda a criação, matéria e espírito, se encontra resumida e unificada na pessoa de Cristo. Como diz S. Paulo na epístola aos Colossenses: «Nele tudo foi criado nos céus e na terra, os seres visíveis e também os invisíveis... tudo é criado por ele e para ele e ele está acima de tudo; tudo é mantido nele... Aprove a Deus fazer habitar nele toda a plenitude e tudo reconciliar por ele e sobre a terra e nos céus» (Colossenses 1/16-20).

Para Teilhard de Chardin, Cristo é o tipo do homem perfeitamente consumado: ele é o ponto Ómega, o ultra-humano, em direcção ao qual a humanidade se encontra orientada pelos caminhos duma evolução que se faz com os vagares do tempo geológico.

Nesta perspectiva, pode dizer-se que Cristo cumpre uma missão quádrupla.

Cristo revelador

Revela ao homem «quem» ele é realmente, descobre-lhe a sua verdadeira identidade e finalidade: ele é o homem (*Ecce Homo*, disse Pôncio Pilatos). É ao contemplá-lo e segui-lo que o homem se humaniza.

Cristo libertador

Desde logo, ele não é o que vem liquidar a dívida do pecado, mas aquele que vem consolidar a liberdade humana, dissipando o medo em favor do amor e da confiança. Ele ajuda o homem a cumprir-se na linha da sua vocação de imagem de Deus.

Cristo, polo de atracção

Ele é o termo para o qual convergem todas as coisas e toda a humanidade: «Quando eu me elevar da terra, atrairei tudo a mim» (João 12/32).

Deixar-se seduzir por Cristo é colocar-se no caminho da consumação.

Cristo, princípio de ressurreição

Ele restitui força e saúde àqueles que desfalecem, que se «perderam» ou que vergaram sob o peso do fardo. Acompanha, com a sua presença e o seu apoio, aqueles e aquelas que se esforçam por humanizar o homem. Ele restitui a esperança e a vida àqueles que se julgam aniquilados.

Através destas breves notas, vê-se que Cristo, Verbo incarnado, tem um lugar eminente no processo da evolução que ele conduz a seu termo. Cristo está no âmago do mundo e no coração da humanidade que ele dirige, através dos imprevisíveis da história, para o pleno desabrochar dos germes de vida aí contidos desde as origens. «Deus deu-nos a conhecer o mistério da sua vontade, o desígnio generoso que, tinha determinado realizar por meio de Cristo. Esse plano consiste em levar o universo à sua realização total, reunindo todas as coisas, tanto nos céus como na terra, tendo Cristo como cabeça e chefe». Assim se exprime S. Paulo em quem o Padre Teilhard muito se inspirou. (Efésios, 1/9-10).

Não há, pois, contradição (há convergência) entre a dinâmica da evolução e a missão confiada a Cristo, o Verbo Incarnado; este assume na sua pessoa (corpo e espírito) a espera e a esperança de toda a criação que ele vem culminar e transfigurar.

A fé não é um sonho

Se Cristo não é uma abstracção, mais ou menos mítica, mas se é a manifestação de Deus numa humanidade bem concreta, ela mesma saída da terra, compreende-se que os discípulos não possam viver como se fossem puros espíritos libertados de todas as contingências terrestres.

A fé não é uma realidade volátil: ela é um empenhamento de toda a pessoa que impregna todo o tecido da vida. Esta convicção encontra-se expressa em diferentes obras de Teilhard, particularmente nas reflexões sobre *O Meio Divino* (1925).

Descobrimos aí que toda a experiência humana na sua diversidade pode alimentar e desenvolver a relação com Deus, o que é a própria expressão da vida cristã. Nesta existência, Teilhard distingue duas vertentes complementares e fundamentais: as actividades e as passividades.

As actividades representam todo o aspeto criador da vida humana:

São todas as iniciativas e produções do homem no seu domínio técnico, artístico, cultural... Isso pode ir desde uma obra manual até uma expressão poética, passando pela relação pessoal, a solidariedade material ou moral, etc.

O homem, ao entrega-se a estas actividades, não se desvia de Deus: torna-se, pelo contrário, a mão de Deus que continua a modelar o mundo e a dar-lhe forma.

Aos olhos de Teilhard, nós só podemos penetrar o mistério de Deus pelos caminhos dos empenhamentos. «Deus, no que tem de mais vívido e de mais incarnado, não está fora de nós, fora da esfera tangível; mas espera-nos a cada instante na acção, na obra do momento. Ele está, de algum modo, na ponta da minha caneta, da minha picareta, do meu pincel, da minha agulha, do meu coração, do meu pensamento» (*Le Milieu Divin*, tomo IV, Obras Completas, ed. Seuil, pág. 54).

Os diversos elementos do universo (em particular o que chamamos «a carne») constituem o caminho que Deus escolheu para se fazer homem em Jesus Cristo. São também o caminho que o homem toma para ir a Deus.

O cristão está confortável nesta perspectiva. Ele sabe, aliás, que pela sua actividade física, moral, intelectual toma conta da criação para a unir ao corpo de Cristo e, desse modo, se abrir a Deus. As nossas actividades podem, assim, unir-nos a Deus como sua fonte e termo. «Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus», diz-nos S. Paulo (1Cor 3/22-23).

As passividades da nossa vida são constituídas pelos obstáculos que resistem às nossas iniciativas, contrariam os nossos projetos ou esterilizam os nossos esforços.

Isto pode ir da doença à morte, passando pelas incompreensões, as divisões internas, a violência, as invejas, as catástrofes.

Estas passividades formam uma rede constrangimentos biológicos, morais ou sociológicos, na qual a nossa vida se encontra inserida: elas podem, como as actividades, tornar-se um caminho de encontro com Deus. Para o explicar, Teilhard distingue duas categorias de passividades cuja fecundidade é certa.

- As passividades de crescimento são obstáculos ou resistências que estimulam o homem e o convidam a se ultrapassar. É assim que uma montanha pode contrariar um curso rectilíneo: é um obstáculo, mas u obstáculo que pode ser vencido. O que surge como uma barreira torna-se num convite à escalada. A montanha ou os oceanos podem ser considerados espaços intransponíveis, mas são eles que fizeram nascer o alpinismo, a natação ou a navegação.

Há passividades que favorecem o crescimento. Acontece que Deus estimula os homens por entreposta resistência. Os constrangimentos do mundo podem tornar-se abraços de Deus. Tomando um exemplo bíblico, é no combate com um adversário enigmático que Jacob encontra Deus. O seu ferimento na anca é a brecha pela qual se dá o encontro com Javé (Genesis 23/26-31).

- As passividades de diminuição privam-nos progressivamente das nossas faculdades essenciais até as aniquilar na morte, pelo menos aparentemente. A morte e as degradações físicas que a rodeiam fazem parte delas. Mas, o mais extraordinário, é que os vazios criados pelas passividades de diminuição preenchem-se, ou podem preencher-se, da vida de Deus. *Deus*, escreve Teilhard, *deve, de alguma maneira, afim de penetrar definitivamente em nós, escavar-nos, esvaziar-nos, criar aí um lugar para si (O Meio Divino).*

Esta esperança (que é certeza para os cristãos, não suprime habitualmente o sofrimento do corpo nem as angústias do espírito, mas engendra uma energia espiritual incomensurável e, sobretudo, abre a porta ao nosso coração àquele que foi o primeiro a dar a vida e que deseja acompanhar-nos na oferenda da nossa.

Um texto de Teilhard de Chardin

Cristo no coração da Evolução

Impregnámo-nos profundamente destas perspectivas: o progresso do Universo e, especialmente, o do Universo humano, não é uma concorrência feita a Deus, nem um desperdício vão das energias que lhe devemos. Quanto mais o Homem for grande, tanto mais a Humanidade será unida, consciente e senhora da sua força, quanto mais também a Criação for bela, tanto mais a adoração será perfeita, tanto mais o Cristo encontrará, para extensões místicas, um Corpo digno de ressurreição. Não poderia haver dois cumes no Mundo, como não pode haver dois centros numa circunferência. O Astro que o Mundo espera, sem saber ainda pronunciar o seu nome, sem apreciar exactamente a sua verdadeira transcendência, sem poder mesmo distinguir os mais espirituais, os mais divinos dos seus raios, é forçosamente o mesmo Cristo que esperamos. Para desejar a Parusia, não temos senão que deixar pulsar em nós, Cristianizando-o, o próprio coração da Terra.

Porquê, então, homens de pouca fé, temer ou desdenhar os progressos do Mundo? Porquê multiplicar imprudentemente as profecias e as proibições: “Não avanceis... não tenteis... tudo é conhecido: a Terra está vazia e velha: não há mais nada a encontrar...”?

Tudo tentar para Cristo! Tudo esperar pelo Cristo! Eis aí, bem ao contrário, a verdadeira atitude cristã. Divinizar não é destruir, mas sobrecriar. Não saberemos nunca tudo quanto a Incarnação espera ainda das possibilidades do Mundo. Jamais esperaremos o bastante da unidade humana crescente.

Levanta a cabeça, Jerusalém. Olha a multidão imensa daqueles que constroem e daqueles que procuram. Nos laboratórios, nos estúdios, nas fábricas, no enorme cadinho social, tu os vês, todos esses homens que labutam? Pois bem, tudo o que por eles fermenta de arte, de ciência, de pensamento, tudo isso é para ti. – Vamos, abre os teus braços, o teu coração, e acolhe, como o teu Senhor Jesus, a onda, a inundação da seiva humana. (O Meio Divino)

Conclusão

O padre Teilhard de Chardin, uma luz para hoje

Entre os contemporâneos de Teilhard, há um, o padre d'Ouince (outro jesuíta), que o conheceu e compreendeu especialmente bem. Gostaria, à guisa de conclusão, apresentar aos leitores desta brochura o seu testemunho. Ele escreveu as seguintes linhas: «Deste modo, é lançada uma ponte entre a ambição do homem moderno voltada para a construção da terra e a mensagem cristã que parecia ignorar-lhe o interesse. Depois de Marx, mas por uma via diferente, Teilhard põe em evidência o valor construtivo do trabalho, não somente exercício penitencial, mas acabamento da obra criadora. O homem cumpre-se humanizando a terra. O trabalho bem conduzido não visa apenas o bem-estar, mas o ser-mais. Ele elabora a matéria que se tornará, transfigurada, no corpo de Cristo» (Rene d'Ouince sj, *Un prophète en procès*, tomo 2, Aubier, Paris, pág.261).

Como não estar de acordo com este julgamento, entendendo-se que o que se diz do trabalho pode estender-se a qualquer forma de actividade humana: material, moral ou espiritual?

Deixo aos especialistas o cuidado de apreciar o valor científico da obra de Teilhard, mas, com muitos outros, estou feliz que esta tenha hoje direito de cidade na Igreja, mesmo tendo sido após uma travessia probatória e penosa. E dou graças a Deus de ter feito surgir no nosso tempo este testemunho de fé, fiel às luzes da revelação e em acordo com as regras do mundo moderno.

O padre Teilhard de Chardin deixa atrás de si um perfume de esperança. Houve quem o acusasse de um optimismo fundamental, supondo que fechava os olhos ao mal e ao pecado. É esquecer o que ele diz sobre as recaídas e os atrasos que desaceleram ou distorcem o desenvolvimento da evolução. Teilhard está bem consciente da presença do mal no âmago da humanidade, mas ele está ainda mais convencido da fidelidade e do poder de Deus que, contra tudo e contra todos, faz avançar o seu projeto de aliança com os homens.

«Sempre vivi em frente», dizia Teilhard, ou seja, numa perspectiva de completude que não se realizará em plenitude senão no Cristo o fim dos tempos, mas que se constrói já através do empenhamento humano.

A esperança compreendida assim é uma força que atravessa a própria Cruz – Teilhard de Chardin dá-nos disso um testemunho precioso, para nós, hoje.

Os cristãos apropriam-se desta esperança duma forma particularmente forte na e pela Eucaristia. Para eles, esta Eucaristia vai muito para além do tempo do rito e da celebração litúrgica; ela diz respeito a toda a vida, de que o pão e o vinho são o símbolo. Sob o signo do pão e do vinho, é toda a actividade humana e todo o universo, ao qual o homem está ligado, que são oferecidos ao poder do Espírito Santo para que ele os mude no corpo e sangue de Cristo.

Para o cristão, é toda a vida humana que pode e deve tornar-se eucaristia, como tão bem o exprimiu o padre Teilhard de Chardin na sua bela meditação de «A Missa sobre o mundo».

Um texto de Teilhard de Chardin

A Missa sobre o Mundo

Visto que, uma vez mais, Senhor, já não nas florestas do Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho nem pão, nem vinho, nem altar, elevar-me-ei acima dos símbolos até à pura majestade do real, e oferecer-vos-ei, eu, Vosso sacerdote, no altar da Terra inteira, o trabalho e a dor do Mundo.

O sol acaba de iluminar, ao longe, a franja extrema do primeiro Oriente. Uma vez mais, sob o pano movente dos seus lumes, a superfície viva da terra desperta, estremece, e recomeça o seu labor tremendo. Colocarei na minha patena, ó meu Deus, a colheita

esperada deste novo esforço. Derramarei no meu cálice a seiva de todos os frutos que serão hoje esmagados.

O meu cálice e a minha patena são as funduras de uma alma largamente aberta a todas as forças que, dentro de um instante, se elevarão de todos os pontos do Globo e convergirão a caminho do Espírito. — Venham, pois, a mim a recordação e a presença mística daqueles que a luz desperta para uma nova jornada!

Um a um, Senhor, que eu os veja e os ame, aqueles que me destes como arrimo e encanto naturais da minha existência. Um a um, também, quero contá-los, aos membros dessa outra e tão querida família que, pouco a pouco, à minha volta, foram reunidos a partir dos elementos mais díspares pelas afinidades do coração, da investigação científica e do pensamento. Mais confusamente, mas todos sem exceção, evoco ainda aqueles cuja concentração anónima forma a massa inumerável dos seres vivos: os que me rodeiam e me apoiam sem que eu os conheça; os que chegam e os que partem; aqueles sobretudo que, na verdade ou através do erro, à sua mesa de trabalho, no seu laboratório ou na fábrica, acreditam no progresso das Coisas, e hoje apaixonadamente correrão atrás da luz.

Visto que, uma vez mais, Senhor, já não nas florestas do Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho nem pão, nem vinho, nem altar, elevar-me-ei acima dos símbolos até à pura majestade do real, e oferecer-vos-ei, eu, Vosso sacerdote, no altar da Terra inteira, o trabalho e a dor do Mundo.

O sol acaba de iluminar, ao longe, a franja extrema do primeiro Oriente. Uma vez mais, sob o pano movente dos seus lumes, a superfície viva da terra desperta, estremece, e recomeça o seu labor tremendo. Colocarei na minha patena, ó meu Deus, a colheita esperada deste novo esforço. Derramarei no meu cálice a seiva de todos os frutos que serão hoje esmagados.

O meu cálice e a minha patena são as funduras de uma alma largamente aberta a todas as forças que, dentro de um instante, se elevarão de todos os pontos do Globo e convergirão a caminho do Espírito. — Venham, pois, a mim a recordação e a presença mística daqueles que a luz desperta para uma nova jornada!

Um a um, Senhor, que eu os veja e os ame, aqueles que me destes como arrimo e encanto naturais da minha existência. Um a um, também, quero contá-los, aos membros dessa outra e tão querida família que, pouco a pouco, à minha volta, foram reunidos a partir dos elementos mais díspares pelas afinidades do coração, da investigação científica e do pensamento. Mais confusamente, mas todos sem exceção, evoco ainda aqueles cuja concentração anónima forma a massa inumerável dos seres vivos: os que me rodeiam e me apoiam sem que eu os conheça; os que chegam e os que partem; aqueles sobretudo que, na verdade ou através do erro, à sua mesa de trabalho, no seu laboratório ou na fábrica, acreditam no progresso das Coisas, e hoje apaixonadamente correrão atrás da luz.... Tudo o que aumentará no Mundo, ao longo deste dia, tudo o que diminuirá, tudo o que morrerá, igualmente —, eis, Senhor, o que me esforço por recolher em mim para Vo-lo estender.